

Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico- metodológica

Ecological discourse analysis: theoretical and methodological foundations

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

kiokoelza@gmail.com

Davi Borges de Albuquerque

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

albuquerque00@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem dois objetivos: apresentar os principais aspectos da teoria da Análise do Discurso Ecológica (ADE) e desenvolver alguns procedimentos metodológicos desta teoria. A ADE que é apresentada neste trabalho se encontra inserida na linguística ecossistêmica, que faz parte da corrente ecolinguística praticada no Brasil, e é distinta de outras abordagens ecológicas para os estudos linguísticos. Em relação aos aspectos teóricos da ADE, procuramos apresentar seus fundamentos linguísticos, filosóficos e ecológicos, bem como quais são as semelhanças e principais diferenças das demais teorias do discurso. Em relação aos procedimentos metodológicos da ADE, propomos um esquema com diferentes fases, com passo a passo, em que são apontadas características da coleta, análise e interpretação dos dados, baseados na metodologia da Ecolinguística, da Linguística Descritiva e da Análise do Discurso Crítica. Finalizamos este trabalho apontando as pesquisas atuais e as

perspectivas para a pesquisa futura, bem como as contribuições da ADE para estudos linguísticos, discursivos e ecolinguísticos.

Palavras-chave: ecolinguística; metodologia; análise do discurso.

Abstract: This article has two objectives. First, to present theoretical aspects of Ecological Discourse Analysis (EDA). Second, to develop methodological steps to this theory. The EDA which is presented here is part of the ecosystemic linguistic theory that is the main ecolinguistic approach practiced in Brazil that differs from other ecological approaches to linguistic studies. Regarding the EDA theoretical aspects, we present its linguistic, philosophical and ecological foundations, and also which are the similarities and divergences between EDA and other discourse theories. Regarding EDA methodological procedures, we propose an outline with distinct phases in which are pointed out some characteristics of data collection, analysis and interpretation, based on the methodology of Ecolinguistics, Descriptive Linguistics and Critical Discourse Analysis. Finally, we discuss the ongoing EDA researches and the perspectives to future investigations in this area, we also present the EDA contributions to Linguistics, Discourse Studies and Ecolinguistics.

Keywords: ecolinguistics; methodology; discourse analysis.

Recebido em 25 de setembro de 2014.

Aprovado em 08 de janeiro de 2015.

Introdução

No campo dos estudos dos discursos, observa-se que as teorias linguísticas e de discurso acabam por contemplar aspectos linguístico-discursivos específicos e não encaram o processo enunciativo como um todo. O objetivo deste artigo é apresentar a Análise do Discurso Ecológica (ADE) para auxiliar essas ciências a descrever e analisar esse processo.

Assim, discutiremos os aspectos teóricos e metodológicos da ADE, visando divulgar esta disciplina recente, que é uma aplicação da linguística ecossistêmica que, por sua vez, é parte da ecolinguística.

Dessa maneira, após a introdução, serão apresentados os pressupostos filosóficos e ecológicos da ADE, na seção (1); em (2), a teoria da linguística ecossistêmica; em (3), serão discutidos os aspectos teóricos da linguística e das diferentes teorias da análise do discurso em que a ADE se baseia; em (4), serão apontados alguns procedimentos de análise para a ADE; finalmente, em (5), serão feitas as considerações finais.

A análise do discurso ecológica (ADE) que apresentamos está no seio da linguística ecossistêmica, que é uma parte da ecolinguística praticada no Brasil, em torno do que passou a ser chamado de Escola Ecolinguística de Brasília, nascida na Universidade de Brasília, e ligada ao *Núcleo de estudos de imaginário e ecolinguística* – NELIM, da Universidade Federal de Goiás (Goiânia). Por esse motivo, um nome alternativo para ela é linguística ecossistêmica crítica. A ADE foi proposta pela primeira vez em Couto (2013) de maneira um tanto exploratória. Vale a pena citar Alexander e Stibbe (2014), que também falaram em ADE, aparentemente sem conhecer Couto (2013). Em Couto (2014), ela foi desenvolvida de modo mais elaborado.

1 Pressupostos filosóficos e ecológicos da ADE

Apresentaremos de forma sumária algumas das principais fontes de inspiração para a ADE. De maneira evidente, a primeira delas é a visão ecológica de mundo (VEM), que perpassa tanto a linguística ecossistêmica, como a ecolinguística em geral. Isso faz com que o praticante, ou qualquer simpatizante da ecolinguística, encare o mundo de modo diferente, do ponto de vista ecológico, *from an ecological point of view*, nas palavras do ecolinguista e filósofo da linguagem alemão Peter Finke. Com essa visão, Finke se opõe ao ponto de vista lógico do filósofo americano Willard Quine, que falava *from a logical point of view*. O simpatizante da VEM procura inclusive usar uma linguagem que não induza a depredação da natureza, como pode ser visto em diversas publicações ecolinguísticas. Assim, esse tipo de linguagem é chamado por Matos *et al.* (2014) de ‘ecolinguagem’, que não é propriamente uma linguagem ecologicamente correta, mas a linguagem que expressa a visão ecológica de mundo.

A base de tudo na VEM é a macroecologia, sobretudo via ecologia biológica e ecologia linguística, sendo esta última uma designação alternativa para linguística ecossistêmica. Os conceitos básicos da

ecologia são discutidos em diferentes publicações a respeito da linguística ecossistêmica, como em Couto (2007, 2013, 2014), e também serão apontados a seguir e na seção (3) deste artigo.

O primeiro desses conceitos é o de ecossistema, ao lado de todas as suas propriedades e características. As principais delas são: interação, diversidade, adaptação, abertura / porosidade, evolução (sucessão ecológica), reciclagem, sustentabilidade e visão de longo prazo. Há também as relações harmônicas, que levam à comunhão, consistindo em um conceito muito importante para a teoria da linguística ecossistêmica, junto a outros, como: relações desarmônicas, mutualismo, inquilinismo, parasitismo etc., sendo estes conceitos nada mais do que os tipos de interações que ocorrem entre as espécies no ecossistema.

É possível perceber que na ecologia geral, bem como em suas vertentes filosófica, sociológica etc., grande parte dos conceitos necessários para efetuarmos estudos críticos sobre textos / discursos sobre diversos assuntos (não apenas textos ambientais, antiambientais ou pseudoambientais) já se faz presente. Atualmente, não há necessidade para temer o biologismo, pois à medida que usamos a ecologia geral como base para os estudos culturais (e linguísticos), assumimos o ponto de vista da vida, estudado pela biologia, que, com a ecolinguística, faz parte da macroecologia.

Sobre a ecologia filosófica, restringir-nos-emos à ecologia profunda (EP), também conhecida como ecofilosofia, ou ecosofia, proposta pelo filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). Em Naess (1973), há uma espécie de manifesto do movimento, distinguindo a ‘ecologia profunda’, que vai à raiz dos problemas, sem subterfúgios e sem concessão à ganância econômica, da ‘ecologia rasa’, que defende o meio ambiente até o ponto que essa defesa não contraria interesses econômicos. Posteriormente, o autor propôs o que chamou de ‘Plataforma do Movimento da Ecologia Profunda’, reproduzida em Couto (2012, p. 55-56), em um capítulo inteiramente dedicado a esse tema. Entre as ideias apropriadas pela ADE está a de defender a vida, qualquer tipo de vida, de todos os seres, de qualquer maneira. Outro ponto central é que a EP deve ser não apenas descritiva mas também prescritiva. O termo ‘prescrição’ parece um tanto forte, por isso, podemos substituí-lo por algo como ‘recomendação’, ou ‘intervenção em defesa da vida’ (NAESS, 1989).

Outra influência sobre a ADE é o taoísmo, sobre o qual se pode começar lendo Couto (2012), em que são discutidos os principais aspectos

teóricos do tema. Ele mostra que nós somos seres vivos no mínimo tridimensionais, compostos de corpo (natural), mente (mental) e espírito. Este último aspecto compreende tudo que transcende o físico e, até certo ponto, o mental e social. Na prática de *tai chi chuan*, por exemplo, que segue essa filosofia, diz-se que, como as árvores, somos uma espécie de ligação entre o céu (*yang*) e a terra (*yin*), uma vez que nossos pés estão firmemente baseados na segunda e nossa cabeça se dirige para o primeiro. Como a ecologia profunda, o taoísmo recomenda, antes de tudo, a harmonia, que é seu conceito central, e, a partir desse conceito, vários outros são derivados, como: tolerância, humildade, prudência etc.

A ecologia social de Murray Bookchin também influenciou a ADE. Ela defende a ideia de que grande parte dos problemas ambientais e ecológicos é de base social, ou seja, criados por nossa sociedade (BOOKCHIN, 1993). Portanto, cabe à sociedade resolvê-los se quiser continuar sobrevivendo. Outra ideia interessante de Bookchin é que a cultura provém da natureza, e isso está em concordância com o que Finke (2001) apresenta em sua teoria ecolinguística.

2 A linguística ecossistêmica

A linguística ecossistêmica foi exposta inicialmente em Couto (2013), porém ela já se encontrava em fase embrionária na obra anterior do mesmo autor (COUTO, 2007), que é um amplo manual de ecolinguística. Em sua proposta teórica da ecolinguística, Couto (2007) enfatiza a importância de três elementos: a língua (L), o povo (P) e o território (T), chamados de Ecologia Fundamental da Língua (EFL), esses três elementos ligados aos três meio ambientes (MA): o MA social, o MA mental e o MA natural.

Assim, a EFL, que pode ser tanto a Ecologia Fundamental da Língua como o Ecossistema Fundamental da Língua, equivale ao conceito da comunidade falante da língua, ou comunidade de língua, enquanto a comunidade de fala é semelhante ao ecossistema linguístico local (COUTO, 2013).

A EFL é formada por (L) que é falada por um (P) e que reside em um território (T). A tríade P-L-T é análoga ao signo semiótico de Peirce e é mais bem representada graficamente de maneira triangular, de acordo com a Figura 1 abaixo, sendo que na posição do ápice do triângulo está localizado o P, indicando que a relação entre L e T é mediada por P. Vale

lembrar que o próprio autor, em Couto (2007, p.91), chama atenção de que seu modelo de certa forma tem outros ecolinguistas como precursores, destacando-se Trampe (1990), que aponta o uso das três categorias P, T e L, já sendo utilizada pela psicologia, e por Døør e Bang (2001), que falam a respeito das dimensões ideológico-lógica (mental), sócio-lógica (social) e bio-lógica (natural) da linguagem.



Figura 1 – Ecosistema Fundamental da Língua.

Fonte: COUTO, 2007, p. 91, adaptado.

A linguística ecossistêmica segue a proposta da EFL e da interação comunicativa de Couto (2007), desenvolvida apenas dando mais ênfase ao ecossistema, já que tem como base o EFL e também os ecossistemas integrantes e correlatos aos respectivos MAs citados, a saber: o ecossistema social da língua, o ecossistema mental da língua e o ecossistema natural da língua.

Os pressupostos teóricos da linguística ecossistêmica são os mesmos da ecologia biológica, por isso é que esse ramo da ecolinguística se destaca, ao trabalhar com os conceitos da ecologia de maneira não metafórica, sendo eles: meio ambiente, ecossistema, holismo, inter-relações, adaptação, evolução, porosidade, diversidade e visão de longo prazo.

O conceito de ‘meio ambiente’ é um dos pilares da ecolinguística. O ‘meio ambiente’ é entendido aqui como o local onde ocorrem as interações linguísticas, e como se dão essas interações será explicado mais adiante, depois de ser definidas o que são as ‘inter-relações’. Já o ‘ecossistema’ é o conjunto maior onde estão localizados os diferentes ‘meio ambientes’ e onde ocorrem as várias ‘inter-relações’. Assim, ecossistema pode ser definido como um composto de população de organismos e suas diversas interações entre si e com o respectivo *habitat*. O ‘holismo’ consiste no fato de o investigador delimitar um ecossistema

e observá-lo em sua totalidade, estudando uma espécie, ou um espécime, e as inter-relações que esse espécie, ou espécime, mantém no interior de todo o ecossistema (COUTO, 2013). As ‘inter-relações’ são definidas como a série de interações que ocorre dentro do ecossistema, sendo elas de três tipos principais: dos componentes bióticos entre si, entre os componentes bióticos e abióticos e dos componentes abióticos entre si. A ‘adaptação’ consiste basicamente nas modificações feitas para a sobrevivência das espécies em relação a mudanças no ecossistema, ora as espécies se adaptam ao meio ambiente se modificando, ora adaptam o meio ambiente modificando-o. A ‘evolução’ está intimamente ligada ao conceito de ‘adaptação’. Segundo a teoria linguística atual, a língua apresenta variação e mudança, no decorrer da história, caso não tivesse esse caráter dinâmico / evolutivo, seria um instrumento incapaz de saciar as necessidades do falante, já que rapidamente, ou seja, em uma geração ou duas, ela se tornaria obsoleta. O conceito de ‘porosidade’ está ligado ao difícil processo de delimitar o objeto de estudo, já que no mundo real não há fronteiras claras e bem definidas, na realidade se encontram regiões e / ou situações mais centrais e prototípicas, que podem ser usadas para ilustrar adequadamente os fenômenos estudados, e regiões e/ou situações que se tornam confusas, menos evidentes, para o processo investigativo. A ‘diversidade’ consiste no processo de estudar e valorizar a importância do grande número existente de espécies no mundo. O fato principal de se valorizar a ‘diversidade’ é que cada espécie possui seu respectivo papel dentro do ecossistema, ou até dentro da grande teia de relações do planeta, a hipótese de Gaia. A ‘visão de longo prazo’ é análoga à sustentabilidade, consistindo no mínimo, ou nenhuma, de intervenção na natureza para a solução de problemas, já que esses supostos problemas, além de muitas vezes ser problemas somente sob o ponto de vista humano, seriam solucionados naturalmente, seguindo o ritmo da própria natureza.

3 Bases linguístico-discursivas da ADE

A ADE também tem como base e faz uso de uma série de pressupostos teórico-metodológicos das diferentes correntes da análise do discurso (AD). Esse fato em nada desvaloriza essa disciplina, ao contrário, acaba por torná-la em consonância com as teorias científicas mais atuais, que trabalham com sistemas complexos e têm caráter multidisciplinar, buscando em uma fase posterior de seu desenvolvimento

alcançar uma abordagem transdisciplinar. As teorias que têm ligação com ADE são a análise do discurso tradicional, a análise do discurso crítica (ADC) e análise do discurso positiva.

A análise do discurso positiva (ADP) inspirou a ADE. Ela foi proposta no seio da ADC e baseia-se em certos pressupostos que também são válidos para a ADE. De acordo com Martin (2004), a ADC é “necessariamente negativa”. Por isso, ele sugere que se assumam uma atitude mais “positiva”, no sentido de fazer do mundo um lugar melhor. Segundo o mesmo autor, a ADC “está fortemente influenciada pela teoria social e está socialmente comprometida, de modo que seu objetivo é preferencialmente ‘problemas’, por exemplo, desigualdades de gênero, discriminação, racismo, hegemonias políticas, direitos das minorias etc.” (MARTIN, 2004, p. 182). Martin (2004) afirma que o lado negativo existe realmente, mas não custa procurar ver o mundo de outro modo, pelo lado positivo. Isso lembra um dos princípios da ADE, já apontado anteriormente, que é o da defesa da vida. Sobre a ADP, pode-se consultar também Martin (2006) e Vian Jr. (2010).

A ADE tem, pelo menos, simpatia pela linguística integracional, de Roy Harris, da qual também sofreu influências. Entre outras coisas, ele defende a tese de que a comunicação não é uma transmissão automática de sinais de um emissor a um receptor. Consiste, pois, na criação de condições que permitam aos interlocutores chegarem por si a possíveis interpretações, na dependência do contexto, que é de caráter aberto e dinâmico. Para Harris, essa abertura desafia e infringe possíveis regras e códigos impostos de fora para dentro. Assim, é possível perceber que Harris (1998) valoriza o que a linguística ecossistêmica chama de ecologia da interação comunicativa (EIC) e o cenário. Dessa maneira, o objetivo geral é ir contra o segregacionismo, exatamente como almeja a VEM (HARRIS, 1998).

A análise do discurso tradicional, bem como a ADC,¹ enfatiza sempre a ‘ideologia’ e as ‘relações de poder’. Isso é muito importante, no entanto, a ideologia no caso é a marxista. Ora, a ideologia marxista

¹Quando ocorre no texto o termo ‘análise do discurso tradicional’ estamos nos referindo à análise do discurso pecheutiana, principalmente por tratar de temáticas como a ideologia, o marxismo e várias outras relacionadas com as ciências sociais, humanas e políticas, conforme pode ser visto em Pêcheux (1995). Em relação à ADC, alguns

tem pelo menos três características que contrariam uma visão ecológica de mundo: o conflito, a ditadura do proletariado e o antropocentrismo. Digno de nota é que as duas primeiras características estão ligadas à luta de classe, ou seja, enfatizam a desarmonia e a luta entre os seres humanos, enquanto a terceira característica, o antropocentrismo, destaca o valor e a importância da espécie humana sobre as demais. Assim todas essas características estão em conflito com a visão ecológica de mundo, que é a favor da harmonia, da paz, do convívio e da manutenção da vida.

Repetindo, a ADE, ao contrário da análise do discurso tradicional, põe a ênfase na defesa da vida na face da terra e em uma luta contra tudo que possa trazer sofrimento. O sofrimento e a dor são, de certa forma, uma proteção que os seres vivos têm contra a morte: fisicamente, principalmente pela fisiologia do sistema nervoso, a dor serve como estímulo negativo que provoca a repulsa, o distanciamento, protegendo o corpo; mentalmente, o cérebro, ou centro nervoso, tem uma rede complexa que está associada ao balanceamento químico do organismo e com o restante do sistema nervoso, gerando sensações de desconforto, mal-estar, tensão etc., que servem como uma espécie de alarme sensorial que também protege o corpo. Porém, deve-se levar em consideração que a morte existe para dar continuidade à vida, para que a natureza recicle a matéria de um ser utilizando-a em outros seres e, simultaneamente, no processo de reciclagem de matéria novos elementos químicos são gerados. Assim, nas situações em que dor, sofrimento e morte podem ser evitados, ou seja, situações em que são causados artificialmente, devemos evitá-los. Vale lembrar que devemos interferir minimamente no curso da natureza, caso a dor, o sofrimento e a morte sejam naturais.² É o que sugere a ADE. É nesse sentido que deve ser entendido o prescritivismo, que a ADE herdou da ecologia profunda.

conceitos marxistas são retomados, porém de acordo com outra abordagem, bem como uma série de novos parâmetros para a análise são inseridos. Sobre a ADC, ver a obra de Fairclough (2001).

² Enfatizamos aqui que a interferência humana deve ser mínima e muito bem pensada, já que pregar a não interferência seria ingenuidade e até mesmo radicalismo de nossa parte, pois podemos nos beneficiar de algumas intervenções humanas na natureza, como: a vacina, os remédios e os tratamentos médicos em geral, que muitas vezes podem nos poupar de dor, sofrimento e morte, não deixando de ser uma intervenção humana

Em conformidade com as categorias da linguística ecossistêmica, e uma vez que somos seres não apenas animais mas também temos uma vida psíquica e vivemos em sociedade, devemos fazer distinção entre sofrimento físico (natural), mental e social. O sofrimento físico ocorre quando há ferimentos, mutilações ou outro tipo de agressão física. Todo sofrimento físico é um movimento na direção da morte, que é o sofrimento físico máximo. Procurar a autorrealização é evitá-los ou ir contra eles. É preciso, porém, esclarecer que há graus de sofrimento. Um beliscão (físico) pode ser muito menos intenso do que uma tortura mental, xingamentos, assédios etc. Ser difamado e desmoralizado perante a comunidade também é um sofrimento social bem mais forte do que um beliscão.

Se um estudioso de ADE for analisar um discurso que fale de uma mulher que apanha cotidianamente do marido que chega bêbado em casa (alguns desses maridos chegam a matar a mulher), ele a defenderá não por ser mulher, como faz a ideologia feminista, nem por se tratar de um ato de machismo em si. Ele a defenderá por ser um ser vivo (humano) que sofre. Assim, ela será defendida partindo de uma causa muito maior do que a justa luta das feministas contra os machistas, como reconhecido na bem-vinda Lei Maria da Penha. O feminismo e o ecofeminismo tratam da questão da mulher pelo ângulo do conflito e do confronto, e isso é apenas uma maneira de ver essa temática, a visão da ideologia e do marxismo. A ADE apresenta uma visão de conciliação e de harmonia entre as partes.

Assim procedendo, a ADE estará considerando a mulher igual do homem, não seu antagonista, ou seja, de acordo com a visão ecológica de mundo, a mulher e o homem fazem parte da mesma espécie biológica e ambos devem ser protegidos de qualquer tipo de violência exatamente por esse motivo, não pelo fato de a ‘mulher’ ser ‘mulher’, ou de o ‘homem’ ser ‘homem’. A visão marxista de defender a mulher pelo fato de a classe

no curso da natureza, caso pensemos que a pessoa tenha adquirido alguma doença de maneira natural. Este é apenas um exemplo de muitas situações da realidade em que deve ser refletida a intervenção humana ou não no curso da natureza. Não podemos esquecer que, mesmo quando ocorre a interferência humana de maneira benéfica, como foram os vários avanços da medicina no início do século 20, isso pode ter impactos negativos, como a superpopulação no planeta que vemos nos dias de hoje, podendo tal situação causar outros sérios problemas, como a fome, doenças, guerras etc.

‘mulher’ sofrer violência, e tal violência, em sua maioria, ser produzida pelo homem é uma visão puramente social que enfatiza a desarmonia dentro do grupo, bem como o conflito entre as classes. O mesmo princípio vale para o caso de manifestações de racismo, de homofobia, de etnocentrismo etc. No caso de algumas práticas tradicionais como o tratamento que a mulher recebe em alguns países muçulmanos (como a excisão do clitóris), do infanticídio entre alguns grupos ameríndios e assemelhados, temos o dilema de ficar do lado da vida ou de tradições culturais arraigadas. A posição da ADE é muito clara: ela se posiciona decididamente do lado da vida e contra o sofrimento. Com efeito, tradições culturais mudam, mas a morte é irreversível. No entanto, é preciso ter em mente que a ADE fornece apenas linhas gerais a partir das quais se pode julgar casos particulares. Na verdade, cada caso é um caso, portanto deve ser avaliado no contexto a que pertence, mas sempre tendo como pano de fundo essas diretrizes. O que fazer com o sofrimento da criança que será sacrificada frente ao sofrimento do grupo social se a tradição não se mantiver? A maioria dos antropólogos ficaria do lado da manutenção dos hábitos culturais. Mas, será que essa é realmente a atitude mais apropriada? Tradição muda, a morte não.

Vejam sinoticamente algumas características da ADE, da AD e da ADC. A ecolinguística crítica é da mesma família da ADE, portanto, era para ser muito semelhante a ela. No entanto, não é bem assim. Em primeiro lugar, ela dá preferência a discursos ambientais, antiambientais e pseudoambientais, criticando-os, frequentemente usando o arcabouço teórico da ADC, o que em si não seria nenhum problema. O problema surge pelo fato de esse tipo de análise poder ser feito por sociólogos, antropólogos, filósofos, por especialistas em educação etc. Até o leigo pode dar palpite sobre o assunto.

Alguém poderia alegar que a ecolinguística crítica, diferentemente da AD e da ADC, usa conceitos ecológicos. É verdade, ela o faz. O problema é que ela os usa como metáforas. Ela faz análise de discursos pinçando conceitos ecológicos e os transportando para seu domínio. Os conceitos ecológicos vêm de fora para dentro. O especialista em ADE, ao contrário, usa esses conceitos porque está no meio deles, ou seja, ao considerar que vivemos em um ecossistema e que dentro dele ocorrem diferentes interações, o analista de discurso que segue a ADE considera os conceitos ecológicos como parte do ecossistema em que ele e os demais elementos habitam. Ele traz as questões linguísticas para estudá-las na

ecologia. Vale dizer, a ecolinguística crítica é ecológica pelo objeto e pela teoria; a ADE é ecológica pelas duas e pela metodologia, pelo modo de associá-las, ou seja, sem usar metáforas.

Passemos à comparação da ADE com a AD e a ADC. Em primeiro lugar, a AD(C) encara o objeto de estudo do ponto de vista ideológico-político, quando muito psicanalítico, como na AD francesa. A ADE põe em primeiro plano a questão da vida na face da terra, a ecologia, que é parte da biologia. Vale lembrar que não negamos questões ideológicas, políticas, psicanalíticas, entre outras, apenas não as consideramos fundamentais e fazemos usos de tais questões somente quando necessário para uma análise mais completa. Assim, se é para falar em ideologia, que seja a ideologia ecológica ou da vida. A AD(C) está em sintonia com a filosofia ocidental moderna, que enfatiza a política e o conflito,³ levando ao ódio, à violência e à guerra. A ADE tem mais afinidade com as filosofias orientais (hinduísmo, budismo, taoísmo) que enfatizam a cooperação, o que leva à harmonia, ao amor. A AD(C) parte do ponto de vista lógico; ela não refuta nem critica a visão de mundo ocidental, que é reducionista. A ADE parte do ponto de vista ecológico. Esse ponto de vista é abrangente, holístico. Combate a cosmovisão ocidental. A AD tende apenas a analisar e criticar os estados de coisas de que trata, com raríssimas exceções, como faz a ADC. A ADE analisa, critica e prescreve / recomenda comportamentos que favoreçam a vida e evitem o sofrimento. A AD(C) é humanista, logo, antropocêntrica como o marxismo, cuja filosofia assimila, como se pode ver em Ramos (2009). A ADE é biocêntrica, ecocêntrica, como a ecologia profunda. A AD(C) critica o estruturalismo, sobretudo a gramática gerativa. A ADE critica o estruturalismo, a gramática gerativa e a AD(C).

A ADE dá preferência ao próprio processo de produção de discursos (al. *das Fliessen selbst* ‘o próprio fluir’), como disse Fill (1993). A ecologia da interação comunicativa é o núcleo central da linguística ecossistêmica,

³Não confundir a questão do ‘conflito’ presente na filosofia ocidental, principalmente nas fases do Renascimento (Machiavel, Montaigne) e da Filosofia Moderna (Voltaire, Diderot, Marx, Hume, Hobbes, Locke), com a ‘competição’, que é um conceito biológico, empregado em várias outras disciplinas, presente na tradição darwinista e neodarwinista, que se refere às interações biológicas.

logo, também da ADE. A AD(C) dedica-se apenas ao ecossistema social, quando muito chegando até o ecossistema mental, como as tímidas influências da psicanálise em alguns trabalhos em AD francesa. A ADE leva em conta os três ecossistemas: o social, o mental e o natural.

A AD(C) observa seu objeto de estudo a partir da ideologia, pensando bastante nas relações de poder. De maneira distinta, a ADE observa o objeto a partir da ecologia, pensando na defesa da vida. Assim, o sofrimento, a dor e a morte serão vistos de maneira natural e tentar-se-á remediá-los ou até, quando possível, evitá-los.

Além das dimensões natural, mental e social, já apontadas da linguística ecossistêmica, a ADE admite a espiritualidade,⁴ como se vê em vários autores, entre eles os especialistas em educação ambiental (CARVALHO; STEIL, 2008). Assim, mesmo que o especialista em ADE seja ateu, deve levar em conta que a temática da religião e da espiritualidade faz parte da natureza humana, uma vez que ela ocorre no objeto de seu estudo. Por exemplo, muitos grupos étnicos praticam o animismo, fazendo com que para eles a natureza seja sagrada. Enfim, a espiritualidade seria uma quarta dimensão a ser levada em conta na análise de textos/discursos pelo prisma da ADE.

Relacionada à espiritualidade, está o que em filosofia tem sido chamado de ética, ou seja, a preocupação com os princípios do que seria “certo” ou “errado” na conduta humana. Trata-se de uma visão deontológica de nossa existência. Afinal, como Santos (1996), entre muitos outros, tem afirmado, não há uma distinção rígida entre cultura e natureza, entre ciência e conhecimento comum, sujeito e objeto. Assim, faz-se necessário reconhecer que não somos apenas seres naturais, como os demais animais, cujo comportamento é guiado única e exclusivamente pelos impulsos naturais, mas, ao contrário, vivemos há milhares de anos sujeitos a convenções sociais, das quais não podemos nos desvencilhar se quisermos viver em comunidade com outras pessoas.

Para a ADE, que segue a ecologia profunda, o feminismo é importante, mas, se for radicalizado, torna-se parcial, partidário, a ponto de ficar incondicionalmente contra o homem, atitude inteiramente

⁴O conceito de espiritualidade ainda necessita ser mais explorado em ecolinguística, porém é possível afirmar que ele está ligado tanto a questões de religião, como a um plano transcendente de existência.

equivocada. Em casos extremos, essa ideologia pode levar a considerar o homem em geral como um antagonista, um inimigo, não como um ser humano que existe para ser aliado e parceiro da mulher. A tendência nas escolas, hoje, é a integração de alunos superdotados, excepcionais etc. Por que não aplicar esse princípio universalmente?

Outros temas que se destacam nos estudos da ADE são as seguintes manifestações discursivas: antropocentrismo, etnocentrismo, androcentrismo, machismo, sexismo, classismo, desenvolvimentismo, hipercorreção, entre outros. Vale lembrar que AD, principalmente a ADC, já vem tratando de alguns dos temas mencionados, bem como de uma série de outros relacionados a eles, como o preconceito em geral, o racismo, a homofobia, discriminação dos pobres etc. Tudo isso é muito importante. No entanto, há algo maior que tudo isso, a que estão subordinados. Trata-se da defesa da vida na face da terra, em que entra a luta contra tudo que traz sofrimento físico, mental ou social, já que somos seres biopsicossociais. O feminismo, a luta dos movimentos negros e outras devem ser respeitados, não por se tratar de “mulheres” e “negros”, respectivamente, mas por se tratar de seres humanos que sofrem com alguns tratamentos discriminatórios. Destacá-los como devendo ser protegidos por serem mulheres e negros já é uma atitude separatista, que pode estimular o antagonismo. Devemos proteger todas as espécies vivas (animais e vegetais) não em detrimento dos chamados “animais racionais”. Do contrário, teríamos os antípodas dos machistas e dos racistas, um machismo e um racismo às avessas.

Para praticar ADE e, de modo geral, ecolinguística, é necessário mudar o modo de perceber o mundo, olhar para ele de outra perspectiva: da ênfase nas relações de poder para ênfase na defesa da vida na face da terra e na luta contra tudo que traz sofrimento. Infelizmente, mudar o modo de ver o mundo é extremamente difícil para nós. É muito mais cômodo continuarmos olhando para ele como sempre fizemos.

4 Procedimentos de análise para a ADE

Uma primeira ressalva que deve ser feita a respeito dos procedimentos de análise da ADE é que esta não se limita ao estudo do discurso ecológico ou ambientalista, mas pode ser aplicada a qualquer discurso. Outra ressalva importante é que a ADE, apesar de ter uma metodologia própria, faz uso também da ecometodologia, que é a

metodologia da linguística ecossistêmica. Em Couto (2013), há uma breve exposição a respeito disso, baseada na multimetodologia (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2004; GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005).

A multimetodologia se caracteriza pelo emprego de diferentes métodos das mais variadas ciências para se analisar o mesmo objeto de estudo. A linguística ecossistêmica faz uso da multimetodologia e a ADE também. De acordo com Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), na multimetodologia “é recomendável que os instrumentos empregados forneçam informações sobre aspectos complementares do fenômeno”, ou seja, conforme os próprios autores citados discutem, um ponto crítico na abordagem multimetodológica é a escolha dos métodos a serem utilizados para se investigar o objeto de estudo específico, pois eles não podem ser aleatórios, devendo existir uma relação, principalmente de complementação, entre os métodos utilizados. Isso requer que o investigador elabore um planejamento de quais métodos serão empregados, sendo recomendado que se realize uma listagem, seguida por uma hierarquização e / ou classificação dos métodos. Isso faz com que os resultados alcançados sejam mais profícuos do que uma investigação que empregou apenas um único método (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2004, p. 7). Assim, por meio dos diferentes métodos, o pesquisador alcançará o mesmo objeto e as mesmas conclusões, usando somente caminhos distintos. Dessa maneira, a ADE não descarta o emprego da metodologia da linguística, nem de diferentes correntes da AD.

Em relação ao discurso, a ADE pode ter como objeto tanto um discurso falado, como um discurso escrito. No discurso falado, podem ser aplicados parâmetros da AD (HYLAND; PALTRIDGE, 2011), como o estudo da prosódia, do emprego do léxico, da gramática emergente, de metáforas e da criatividade discursiva. Aqui também se aplica o rigor metodológico da coleta e da transcrição de dados da fala (diálogo, entrevista), bem como a importância de especificar o fundamento teórico utilizado pelo analista do discurso para realizar a transcrição, já que isso pode alterar todo o processo de coleta e transcrição de dados (JONES, 2011, p. 10).

Outro procedimento da AD que pode ser aplicado à ADE foi elaborado por Gee (2010) e enfatiza o estudo do discurso oral. Esse procedimento é chamado de ‘concordância’ (ing. *agreement*) (GEE, 2010, p. 123), que serve para tornar a análise mais acurada, já que, após conduzir sua análise inicial, o pesquisador em ADE iria a campo

novamente para coletar dados discursivos a respeito do tema pesquisado, porém com outros informantes, na tentativa de contemplar um número maior de indivíduos e verificar se a análise conduzida está em consonância com o discurso dos demais membros da comunidade. Caso o analista de discurso trabalhe com o discurso escrito, um procedimento análogo pode ser feito, com o pesquisador coletando outros dados discursivos a respeito do tema estudado, a única diferença é que a coleta de dados será feita com fontes escritas.

Já que foi mencionado tanto o discurso falado, como o processo de coleta de dados, vale enfatizar que a ecolinguística apresenta uma metodologia de coleta que pode ser empregada para a coleta de dados discursivos na ADE. Esta metodologia é chamada de trabalho de campo ecolinguístico e foi proposta inicialmente por Nash (2011a, 2011b, 2013). A preocupação maior desse ecolinguista durante sua pesquisa foi a de elaborar uma metodologia e um processo de coleta de dados que estivesse em conformidade com os pressupostos ecolinguísticos, principalmente com a visão de mundo ecológica, já comentada. A metodologia do trabalho de campo ecolinguístico leva em consideração a relação entre a comunidade, os informantes, o pesquisador e a pesquisa. Para Nash (2011a, p. 67) é fundamental a relação entre os elementos humanos, os informantes e o pesquisador, bem como a importância da inserção do pesquisador na comunidade para que ele possa interagir com ela, entendê-la e fazer parte dela, conhecendo melhor a ecologia social e física da comunidade estudada. É possível enfatizar que os conceitos de ecologia social e ecologia física equivalem ao ecossistema social e ecossistema natural da língua, proposto por Couto (2007). Outro fator a ser levado em conta é que a coleta de dados deve ocorrer de maneira informal e natural, isso vale também para a coleta de dados do discurso falado ou de diálogos. O pesquisador ao conviver com a comunidade e com os informantes, acaba fazendo parte dela e obtém esses dados nas atividades do cotidiano (NASH, 2013).

Digno de nota é que os linguistas Bang e Døør (2007) têm praticado a ecolinguística dialética, que se baseia em uma série de pressupostos teóricos e ideológicos do marxismo, com ligações com a ADC, porém alguns desses pressupostos podem ser reanalisados para serem usados na ADE. Para esses autores, a unidade mínima da linguística é o diálogo, podendo até ser estendida ao texto. No diálogo, existem três participantes: o falante, o ouvinte e o observador, bem como a língua, que

se caracteriza como diálogo, apresenta-se como uma atividade dialética, com três dimensões de referência e três eixos de contradições em sua práxis, que são as bases para sua análise. A metodologia proposta por Bang e Døør (2007) consiste na observação e análise no diálogo das três dimensões de referência e da práxis, mencionadas anteriormente. As três dimensões de referência são: a lexical, que diz respeito ao *co-texto social e individual*, ou seja, ao léxico e à gramática; a anafórica, que diz respeito ao *in-texto*, fazendo referência aos processos de catáfora e anáfora; a dêitica, a dimensão de tempo, pessoa e lugar, que equivale ao *con-texto*. As três contradições da práxis da linguagem são: a ideo-lógica (consiste nas dimensões mentais e espirituais da prática da linguagem), a bio-lógica (relacionada com os processos e as relações corporais do ser humano) e a sócio-lógica (os seres humanos são organizados em sociedade e todas as suas atividades, incluindo o diálogo, são influenciados pela vida social). Para esses autores, quando é empregado no diálogo um dêitico específico, e não outro, quando é omitido um sujeito, ou um pronome, tudo isso tem significados e funções dialógicas na práxis da linguagem. Dessa maneira, a ADE pode fazer uso também da metodologia da ecolinguística dialética.

As categorias principais da ADE a serem observadas pelo pesquisador, com o objetivo de conduzir sua investigação, são as seguintes: a endoecologia e exoecologia; a ecologia da interação comunicativa (EIC) e os atos de interação comunicativa (AIC); as regras interacionais e regras sistêmicas; os três ecossistemas da língua (mental, natural e social); os três elementos da EFL (P-L-T).

Couto (2007) apresenta a terminologia ‘linguística endoecológica’, que estuda aspectos estruturais da língua e os relacionam a questões ecológicas, e ‘linguística exoecológica’, que analisa as relações da língua e o meio ambiente externo a ela. Essa distinção terminológica foi proposta por Makkai (1993). Embora não muito usada, essa dicotomia é um procedimento metodológico importante que pode auxiliar o investigador em seus estudos. Calvet (1999) também faz essa mesma separação, porém chama de ‘macrolinguística’ e ‘microlinguística’. Assim, os procedimentos de análise de endoecologia discursiva enfatizam os aspectos das regras sistêmicas (regras gramaticais) da língua que são adaptados à interação discursiva, que já são estudados pela AD, principalmente para os discursos falados, conforme foi apontado anteriormente. Outro fator importante é que, segundo Gee (2010, p. 123), a análise de ‘detalhes linguísticos’ (ing. *linguistic details*) se

caracteriza como um dos quatro principais elementos que torna mais válida, mais científica, a análise feita pelo analista do discurso. Deve-se enfatizar também que a análise endoecológica discursiva possui ligações com outro procedimento, o do estudo das regras sistêmicas. Já a análise de exoecologia discursiva é semelhante ao conceito da ADC de macroestrutura, pois, além de estudar as informações e o conjunto de padrões para interligar as ideias existentes no discurso, o investigador relacionará aspectos do EFL e dos três ecossistemas (mental, natural e social) que podem se manifestar linguística e discursivamente.

Segundo Couto (2013, p. 307), a EIC consiste na fonte da qual emerge a língua, já que é com base nela que existe a comunidade de fala mínima, o par falante-ouvinte, e da qual ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC). A EIC é formada por cenário, falante e ouvinte, regras interacionais e regras sistêmicas, e circunstâncias (qualquer elemento que esteja com o falante e / ou com o ouvinte). Já os AIC caracterizam-se pelas várias maneiras as quais a língua pode ser colocada em prática na interação.

Outro procedimento de análise importante da ADE é a diferenciação entre as regras de interação e as regras sistêmicas, que basicamente consiste nos seguintes fatores: as regras interacionais são traços comportamentais necessários para ocorrer e facilitar o processo de interação comunicativa, como: a necessidade de falante e ouvinte estarem próximos um do outro, de frente um para o outro, deve-se falar em um tom de voz mediano, em alguns casos o falante deve olhar nos olhos do ouvinte etc.; já as regras sistêmicas são consideradas como uma das regras interacionais e equivalem à gramática da língua. Aqui observam-se mais uma vez as relações entre os procedimentos de análise da ADE, já que as regras interacionais e sistêmicas, além de fazerem parte da EIC, podem ser investigadas de maneira interligada com exoecologia e endoecologia, respectivamente. As regras sistêmicas podem ser observadas no discurso da mesma maneira que já foi mencionada para a endoecologia, enquanto as regras interacionais são pesquisadas inter-relacionando os elementos extralinguísticos, sendo muitos deles partes da AD, como práticas e interações sociais, existentes em uma interação discursiva com suas manifestações no discurso e sua presença, ou influência, nos ecossistemas (mental, natural e social) em que vivem os indivíduos e onde o discurso foi produzido.

São levadas em consideração também as tríades do ecossistema e da EFL (P-L-T), já discutidas na seção (2) anterior, que se caracterizam como os elementos próprios e originais da ADE, substituindo, bem como sendo

análogos, grosso modo, aos elementos da AD, principalmente da ADC, como sujeito, contexto, ideologia, intertextualidade, interdiscursividade, entre outros. Dessa maneira, ao analisar ecologicamente um discurso, seja ele falado, seja ele escrito, o pesquisador ficará atento ao indivíduo que o produziu (P) e também às suas relações com outros indivíduos e com o seu grupo, ou seja, às interações entre elementos de (P) e o ecossistema social da língua. As questões de significação, interpretação e ideologia, além de terem relações com (P) e com o ecossistema social da língua, estão presentes no ecossistema mental da língua e se manifestam no discurso por meio das regras sistêmicas, relacionando-se, assim, com (L). Em alguns casos, o ecossistema mental da língua e o ecossistema social da língua podem influenciar nas regras interacionais também. Os aspectos históricos, culturais, políticos, entre outros, estão presentes no discurso e podem ser específicos de um (P), dessa forma, interagindo com os elementos do (T), já que o (P) vive e interage em (T) específico. Além disso, se o discurso apresentar traços específicos de um (P) e / ou de um (T), é possível relacioná-los com o ecossistema natural da língua.

Dessa maneira, a vantagem da visão ecolinguística é que, diferentemente de todas as demais teorias linguísticas, ela permite estudar a língua e os meios ambientes de modo integrado na EIC. Com base nos dados coletados, procura-se compreender não apenas o que o texto quer dizer, mas como o faz. Trata-se, assim, de um procedimento de análise descritiva e interpretativa, que pretende observar o escopo da pesquisa de forma abrangente para descrever a realidade de forma holística e depois direcionada na fase interpretativa aos conceitos da ecologia.

Num primeiro momento a preocupação se volta para a materialidade linguística, a fim de captar o significado que o texto, o discurso, os participantes atribuem às coisas. Tudo isso atrelado ao problema, às questões de pesquisa. Nessa parte, de acordo com que o texto sinaliza, ou seja, o que sobressai no texto, seu ponto luminoso como aspectos morfológicos e / ou sintáticos e/ou lexicais e / ou semântico e / ou fonológicos.

Após essa etapa, faz-se uma análise das informações para testar as hipóteses iniciais e até construir novas hipóteses. As interpretações se dão à luz da ecologia e da ecolinguística. Nesse próximo passo, organizam-se as informações e faz-se uma análise levando em conta o meio ambiente natural, ou território, a influência do meio natural, depois se faz uma análise dentro do ambiente mental e pode utilizar as ideias da linguística cognitiva e ou do imaginário. Ainda, faz-se a análise relacionada ao meio ambiente social: contexto de produção, ideologia e, acima de tudo, a vida.

Por motivos de limitações de espaço, bem como por não fazer parte do escopo do presente artigo (que discute a teoria e a metodologia da ADE), deixaremos para outra ocasião os exemplos de análise de textos de acordo com a abordagem da ADE. Porém, enfatiza-se aqui que tais análises vêm sendo realizadas pelos membros do *Núcleo de estudos de imaginário e ecolinguística*, da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, e que também é possível encontrar uma série de publicações recentes de aplicações da ADE a diferentes tipos de discurso: na religião, há análises do discurso sobre o Vale do Amanhecer (SCHMALTZ NETO, 2014) e sobre as ‘rezadeiras’ (AVELAR FILHO, 2013, 2014); de comunidades rurais, há estudos a respeito dos conhecimentos tradicionais, especificamente da etnobotânica dos Kalunga (ARAUJO, 2014a, 2014b) e de toponímia (SIQUEIRA, 2014); da propaganda, como a análise da publicidade da Friboi (BRANDÃO, 2014) e da publicidade que se utiliza da temática ecológica para formar mitos (COUTINHO, 2014); dos laboratórios e do uso de cobaias (BORGES, 2014); da capoeira, seus cantos e seus praticantes (DOURADO-PINHEIRO, 2014); dos índios Chiquitano e da escola indígena (DUNCK-CINTRA, 2014). Além das publicações citadas anteriormente (teses de doutorado, artigos, capítulos de livro e comunicações), há os livros de Couto, Dunck-Cintra e Borges (2014) e Couto, Couto e Borges (2015) dedicados à temática da ADE. Nesta última publicação, há exemplos de análise em sete capítulos.

5 Considerações finais

O presente artigo procurou apresentar os aspectos teóricos e metodológicos da ADE. Primeiramente, enfatizamos que a ADE é uma disciplina recente, relacionada com a Linguística Ecológica, que, por sua vez, é uma teoria da Ecolinguística. A ADE tem uma fundamentação filosófica da ecologia biológica e da ecologia social, bem como é influenciada pela ecologia profunda e pelo taoísmo. No campo da linguística, a ADE aproveitou alguns aspectos das diferentes disciplinas discursivas, como a AD tradicional, a ADP e a ADC, e da linguística integracional.

Aqui também foram apontados os procedimentos de análise da ADE, enfatizando a importância de que a ADE faz uso tanto de uma metodologia própria, que foi desenvolvida aqui, como da ecometodologia, que é baseada na multimetodologia.

As contribuições da ADE para os estudos linguísticos, ecolinguísticos e discursivos são as mais variadas, já que a ADE não se limita apenas a discursos ecológicos, podendo analisar qualquer tipo de discurso; faz uso de alguns aspectos notáveis de outras teorias linguísticas e discursivas quando necessário, bem como insere na análise conduzida uma série de traços de outras disciplinas que tenham alguma relação com a Linguística, como a História, a Sociologia, a Ecologia, a Biologia etc. Ainda, a ADE não se limita a estudar apenas alguns traços ou características discursivas de acordo com uma ou outra teoria, mas tem uma abordagem holística, analisando o discurso por diferentes pontos de vista, bem como fazendo uso das contribuições das mais variadas disciplinas quando necessário, conforme já foi apontado acima. Todos esses fatores acabam por tornar a análise feita no âmbito da ADE mais acurada, porque aborda seu objeto por diferentes perspectivas.

Finalmente, como uma disciplina recente e ainda em desenvolvimento, este trabalho se apresenta como uma proposta com subsídios teóricos e metodológicos para ADE que serve como apoio tanto para aqueles que desejam aprimorá-la quanto para aqueles que são analistas de discurso e objetivam praticá-la. Em relação à prática da ADE, apontamos neste trabalho uma série de análises que foram ou vem sendo feitas por vários pesquisadores em diferentes instituições. Isso mostra que a ADE é um campo profícuo e tanto o aprimoramento de seus aspectos teóricos quanto a aplicação de estudos de caso serão elaborados em trabalhos futuros.

Referências

ALEXANDER, Richard; STIBBE, Arran. From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences*, v. 41, p. 104-110, 2014.

ARAUJO, Gilberto P. *O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014a.

_____. As inter-relações entre língua e meio ambiente com base no conhecimento etnobotânico Kalunga. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e Metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014b. p. 161-174.

AVELAR FILHO, João. *As Rezadeiras de Goiás: construção e reconstrução da memória*. ENCONTRO BRASILEIRO DE IMAGINÁRIO E ECOLINGÜÍSTICA – EBIME, 1., 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

_____. *A memória nos rituais da reza: uma obrigação social das lembranças*. ENCONTRO INTERNACIONAL, 1.; ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE), 7., 2014, Cidade de Goiás. *Anais...* Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

BANG, Jørgen C.; DØØR, Jørgen. *Language, Ecology and Society. A Dialectical Approach*. Editado por Sune Vork Steffensen e Joshua Nash. Londres: Continuum, 2007.

BORGES, Lorena A. *Usar ou não usar cobaias animais? O discurso sob a perspectiva da análise do discurso ecológica*. ENCONTRO INTERNACIONAL, 1.; ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE), 7., 2014, Cidade de Goiás. *Anais...* Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

BOOKCHIN, Murray. *What is social ecology?* In: ZIMMERMAN, M. E. (Org.). *Environmental philosophy: from animal rights to radical ecology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

BRANDÃO, Heloanny. *Discursos ecológicos e ascensão econômico-social: a Friboi sob um olhar da análise do discurso ecológica*. ENCONTRO INTERNACIONAL, 1.; ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE), 7., 2014, Cidade de Goiás. *Anais...* Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

CARVALHO, Isabel C.; STEIL, Carlos Alberto. *A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade*. *Ambiente & sociedade*, vol. 11, n. 2, p. 208-305, 2008.

COUTO, Hildo H do. *Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

_____. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. O que é ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-312, 2013.

_____. Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 27-41.

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza N. N. do; BORGES, Lorena A. O. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

COUTINHO, Ricardo S. O mito verde: um diálogo entre Barthes e a ecolinguística crítica. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 205-214.

DOURADO-PINHEIRO, Zilda. A linguagem da capoeira: uma interpretação ecolinguística e mítica. ENCONTRO INTERNACIONAL, 1.; ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE), 7., 2014, Cidade de Goiás. *Anais...* Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

DUNCK-CINTRA, Ema M. Bilinguismo de memória como gênese para ressignificação e fortalecimento do ecossistema básico do povo indígena chiquitano. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 175-186.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. UnB, 2001.

FILL, Alwin. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

FINKE, Peter. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (Org.). *The Ecolinguistics Reader*. Language, Ecology and Environment. Londres: Continuum, 2001. p. 84-90.

GEE, James P. *Introduction to Discourse Analysis*. Theory and Method. Nova York: Routledge, 2010.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 23, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2004.

GÜNTHER, Hartmut; ROZESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia ambiental: considerações sobre sua área de pesquisa. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 10, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2005.

HARRIS, Roy. *Introduction to integrational linguistics*. Oxford: Pergamon, 1998.

HYLAND, Ken; PALTRIDGE, Brian. (Ed.). *Continuum Companion to Discourse Analysis*. Londres: Continuum, 2011.

JONES, Rodney H. Data Collection and Transcription in Discourse Analysis. In: HYLAND, Ken; PALTRIDGE, Brian. (Ed.). *Continuum Companion to Discourse Analysis*. Londres: Continuum, 2011. p. 9-21.

MAKKAI, Adam. 1993. *Ecolinguistics: ¿Toward a new **paradigm** for the science of language?* Londres: Pinter Publishers.

MARTIN, James R. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de studios ingleses*, n. 49, p. 179-200, 2004.

_____. Vernacular deconstruction: undermining spin. *D.E.L.T.A*, v. 22, n. 1, p. 177-203, 2006.

MATOS, Francisco G. *et al.* Ecolinguagem. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 215-224.

NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement: a summary. *Inquiry*, v. 16, p. 95-100, 1973.

_____. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

NASH, Joshua. *Insular toponymies: pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – School of Humanities, University of Adelaide, Adelaide, Austrália. 2011a.

_____. Norfolk Island, South Pacific: an empirical ecolinguistic case study. *AUMLA – Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, v. 116, p.83-97, 2011b.

_____. *Insular Toponymies*. Pristine Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

RAMOS, Rui. *O discurso do ambiente na imprensa e na escola: uma abordagem linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009.

SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

SCHMALTZ NETO, Genis F. *Quando magos dispensam caldeirões: a questão da linguagem no vale do amanhecer*. ENCONTRO INTERNACIONAL, 1.; ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE), 7., 2014, Cidade de Goiás. *Anais...* Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

SIQUEIRA, Kênia M. F. Toponímia: a nomeação dos lugares sob a ordem do imaginário. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 151-160.

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

VIAN JR., Orlando. *Gêneros do discurso, narrativas e avaliação nas mudanças sociais: A análise de discurso positiva*. Cadernos de linguagem e sociedade, v. 11, n. 2, p. 78-96, 2010.

